

A GRAFIA DE FORMAS REALIZADAS PELO GLIDE [w] EM NÃO-VERBOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DE DADOS DE CRIANÇAS EM ALFABETIZAÇÃO

NATHALIA VITÓRIA REINEHR¹; LORENZO STEINHORST RICHETTI²; LISSA
PACHALSKI³; ANA RUTH MORESCO MIRANDA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – nathaliavreinehr@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – lorenzo.richetti@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – pachalskil@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – anaruthmmiranda@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo exploratório tem como objetivo mapear a grafia de formas realizadas foneticamente pelo glide [w] em não-verbos no Português Brasileiro (PB), grafadas por <l> e <u> em posição pós-vocálica no meio e no final de palavras. A pesquisa filia-se a uma linha de investigação desenvolvida pelo Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita (GEALE)¹ que interpreta os erros ortográficos como dados capazes de revelar o conhecimento linguístico da criança e as hipóteses levantadas por ela sobre o sistema que está sendo adquirido (MIRANDA; MATZENAUER, 2010).

Para melhor entender o contexto em que se insere esse trabalho, são necessárias considerações a respeito das representações gráficas das formas realizadas pelo glide [w], da distinção entre ditongos verdadeiros e falsos e do caso do ditongo derivado da sequência /V + l/. No âmbito da fonologia infantil, as crianças aparentam não mostrar dificuldade em produzir o glide [w], uma vez que os ditongos são de aquisição precoce, tanto aqueles derivados de VV como de VL. Na escrita, no entanto, esse glide, por ter diferentes representações no nível grafêmico, <u> ou <l>, torna-se um fator de dificuldade aos alunos, tendo em vista sua definição arbitrária pelo sistema ortográfico.

Em relação aos ditongos, Bisol (1989) diferencia os decrescentes, derivados de V + V [alta], em duas classes: os verdadeiros e os falsos, os quais possuem representações fonológicas distintas. Os verdadeiros são aqueles que têm existência no nível fonológico e fonético, como em [ˈpawta], que difere de [ˈpata] pela presença do glide formador do ditongo. Já nos ditongos falsos há a inexistência da vogal alta no nível fonológico, embora ela possa ocorrer no nível fonético, como em [ˈpowko] ~ [ˈpoko], sendo esta última forma bastante presente na fala. Segundo Câmara Jr. (1977), o ditongo [ow], também analisado nesta pesquisa, é uma variante estilística do /o/, encontrada em grande frequência no português falado, como descrito no exemplo de “*pouco*”. O fato de o glide ser inexistente no nível fonológico, mas manifestado na fala e presente na escrita em ditongos falsos, causa dificuldade aos alfabetizandos quando tentam grafá-lo, pois têm sua escrita inicial subsidiada pelo conhecimento fonológico até então construído.

Outro ditongo que será abordado neste estudo é aquele derivado da sequência /V + l/, que decorre da realização do /l/ na sua variante vocalizada [w]

¹ O GEALE é um grupo de pesquisa que visa estudar a produção escrita do ponto de vista de sua aquisição e ensino, buscando descrever esse processo e analisar as tendências encontradas durante o período de aquisição.

em posição pós-vocálica, realizado como um ditongo decrescente, como em “altura”.

2. METODOLOGIA

A pesquisa baseia-se em dados extraídos do Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE), criado e sediado no GEALE. O BATALE é composto de 9 estratos, cada qual constituído por textos espontâneos ou ditados, os quais foram produzidos majoritariamente por crianças dos anos iniciais e coletados por integrantes do grupo de pesquisa em escolas de Pelotas e Porto Alegre (Brasil), Lisboa e Porto (Portugal) e Maputo (Moçambique).

Para este estudo, foram analisados 1379 textos do oitavo estrato do BATALE, produzidos por alunos de 1º a 3º ano do Ensino Fundamental de duas escolas públicas da cidade de Porto Alegre (RS) nos anos de 2014 e 2015. Foram computados as escritas corretas e os erros na grafia do <l> medial e final e do <u> medial, realizados foneticamente pelo glide [w] em ditongos decrescentes verdadeiros e os falsos. As possibilidades de grafias do <u> final em não-verbos não foram computadas por apresentarem apenas 6 dados com esse contexto na amostra analisada. Dados referentes à grafia de “mau” e “mal” também não foram computados, pelo número reduzido de dados neste contexto (4 dados) e por se tratar de um caso de par homófono.

Os dados utilizados na pesquisa foram classificados e organizados de acordo com o número de acertos, o número de erros, o ano escolar (1º a 3º ano) e escola a que o dado pertence e o tipo de grafia encontrada na escrita do <l> medial e final e do <u> medial.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O número total de dados analisados foi 360, extraídos dos 1379 textos selecionados do BATALE. A Tabela 1 a seguir apresenta a distribuição total de erros e acertos na grafia do <l> medial e final bem como do <u> medial e os percentuais relativos a essas grafias em cada ano escolar (1º, 2º e 3º ano), sinalizado pelas diferentes tonalidades de cores.

Tabela 1: distribuição do total de dados analisados

	Grafia do <l> medial (24.4%)			Grafia do <l> final (59.4%)			Grafia do <u> medial (16.2%)		
	Acertos	Erros	Total	Acertos	Erros	Total	Acertos	Erros	Total
Exemplo	“altura” (altura)	“auga” (alga)		“animal” (animal)	“iguau” (igual)		“roupa” (roupa)	“sandade” (saudade)	
1º ano	0 (0%)	3 (100%)	3 100%	3 (25%)	9 (75%)	12 100%	3 (75%)	1 (25%)	4 100%
2º ano	9 (36%)	16 (64%)	25 100%	41 (58.6%)	29 (41.4%)	70 100%	15 (83.3%)	3 (16.7%)	18 100%
3º ano	41 (68.3%)	19 (31.7%)	60 100%	77 (58.3%)	55 (41.7%)	132 100%	20 (55.5%)	16 (44.5%)	36 100%
Totais	50 (56.8%)	38 (43.2%)	88	121 (56.5%)	93 (43.5%)	214	38 (65.5%)	20 (34.5%)	58

Os resultados na Tabela 1 mostram que os dados se concentram na grafia da forma <l> final em não-verbos, com um total de 214 dados, correspondendo aproximadamente a 59.4% do total analisado. Dentre estes, há uma distribuição de 121 acertos (56.5%) e 93 erros (43.5%). Esse número expressivo de erros em relação aos acertos pode ser um indicativo da dificuldade que os alunos têm em grafar o <l> em posição final, que concorre com o <u> final, grafia bastante utilizada como morfema de desinência verbal em textos infantis (cf. MATOS, 2019).

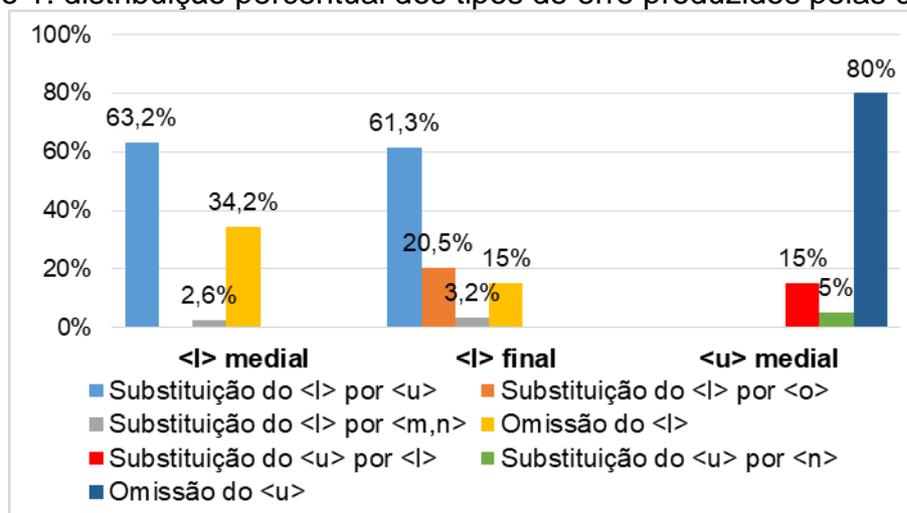
Nas escritas do <l> medial (24.4% do total analisado), 56.8% das palavras foram grafadas corretamente e 43.2% foram grafadas incorretamente, apresentando uma distribuição similar à grafia do <l> final. Assim como o <l> final, o <l> medial é manifestado pelo glide [w] na fala, o que enfatiza a dificuldade dos alunos motivada pela arbitrariedade no uso dos grafemas <u> e <l> para representar o glide [w], fator representado pelo alto índice de erros.

Os demais 58 dados (16.2% do total analisado) se referem à grafia do <u> medial. O menor número de dados nesta grafia se deve provavelmente à característica da amostra analisada, que considera um número maior de contextos com <l> (posição medial e final de palavra) do que com <u> (apenas posição medial), além da maior produtividade na língua de formas nominais com esse tipo de estrutura. Se os verbos fossem considerados, a tendência seria de um aumento de dados na grafia do <u> (cf. PACHALSKI; MIRANDA, 2019).

Outro aspecto que pode ser observado no levantamento preliminar é o fato de haver certo equilíbrio no número de acertos e erros quanto à grafia do <l> medial e final, contrariando a tendência constatada por estudos do GEALE (cf. NEY, 2012; PACHALSKI, 2020) de haver, em geral, um número de acertos do que de erros nos textos, independentemente do fenômeno analisado.

A distribuição dos tipos de erro para a grafia das formas analisadas nesta pesquisa está apresentada no gráfico a seguir.

Gráfico 1: distribuição percentual dos tipos de erro produzidos pelas crianças



A análise dos 151 erros encontrados nos dados permite observar que dentre as estratégias utilizadas pelas crianças para grafar o <l> medial e final, a predominante é a substituição do <l> por <u> (“auga” para “alga” e “legau” para “legal”), apresentando aproximadamente 60% dos erros em cada grafia (81 dados totais). Como já abordado, a produção de erros na grafia do <l> está associada à dificuldade de escolher entre os grafemas <u> e <l>, utilizados para representar o glide [w] na escrita. Dessa forma, as crianças apresentam erros ao grafar o <l>

em posição de coda, buscando alternativas como o <u>, também manifestado foneticamente pelo glide e bastante presente na escrita de verbos flexionados.

A análise das estratégias utilizadas para grafar o <l> ainda permite observar que a substituição do <l> por <o> (“*gentio*” para “*gentil*”, por exemplo) apresentou dados apenas na escrita do <l> final, representando 20.5% do total de erros nesta grafia. Esse aspecto pode ser um indicativo de que as crianças estão operando com a supergeneralização de regras ortográficas, que regula o uso do grafema <o> no final de palavras, como em “*menino*” e “*cachorro*”.

Já na grafia do <u> o mecanismo mais utilizado nos erros produzidos pelos alunos é a omissão do grafema <u> (“*poco*” para “*pouco*”, por exemplo), que representa 80% dos erros na escrita da vogal. Esse aspecto pode estar associado ao fato do glide [w] não ter função no nível fonológico, manifestando-se pouco na fala apesar de presente na escrita, o que dificulta sua grafia aos alunos, que tendem a omitir esse grafema.

4. CONCLUSÕES

A partir dos resultados apresentados, foi possível mapear algumas tendências no tipo de dado analisado, como a de que há um maior número de grafias relacionadas à forma <l> em não-verbos em relação à grafia de <u>. Os erros encontrados explicitam uma das dificuldades que os alunos enfrentam na fase de alfabetização: a relação fonema-grafema arbitrária, que não permite a ele prever por contexto o princípio gerativo do grafema a ser utilizado.

Como próxima etapa desta pesquisa, pretende-se desenvolver propostas para o ensino dessas grafias nos anos iniciais bem como ampliar o conjunto de dados para análise a fim de refletir sobre as motivações para a ocorrência dos erros nas formas <l> e <u>, estabelecendo relações, simétricas ou não, com a teoria fonológica e os estudos de aquisição da fala.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A.**, vol. 5, n. 2, p. 185 – 224, 1989.
- CÂMARA JR., J. M. Para um estudo da fonêmica portuguesa. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- MIRANDA, A. R.; MATZENAUER, C. L. M. Aquisição da fala e da escrita: relações com a fonologia. **Cadernos de educação**, Pelotas, UFPel, v.35, p.359-405, 2010.
- NEY, L. A. G. **Acentuação gráfica na escrita de crianças de séries iniciais**. 2012. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2012.
- PACHALSKI, L.; MIRANDA, A. R. M. Um estudo exploratório sobre a grafia de formas fonológicas realizadas pelo glide [w]. *In: ENPOS*, 21, Pelotas, 2019. **Anais** Disponível em: <https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2019/LA_04413.pdf>. Acesso em agosto de 2020.
- PACHALSKI, L. **A grafia de sílabas complexas na aquisição da escrita: relações entre fonologia e ortografia**. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Letras e Comunicação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- MATOS, M. M. A variação na grafia do glide [w] em formas verbais flexionadas produzidas por alunos de anos iniciais. *In: MIRANDA, A. R. M.; CUNHA, A. P. N.; DONICHT, G. Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita* [recurso eletrônico]. 2ª ed. Pelotas: Editora da UFPel, 2019, 424p.